

CONTRA O FASCISMO E A MISÉRIA

E URGENTE ERGUER AS MASSAS POPULARES!

(projecto de resolução do Comité Central)

Cresce a onda fascista

A situação nacional continua dominada pela crescente ameaça fascista. Sucedem-se as acções repressivas, desdobra-se uma ofensiva em todas as frentes contra as conquistas e liberdades populares. Os altos comandos reacccionários e os partidos da direita, defensores dos interesses da grande burguesia e do imperialismo americano, estão dispostos a levar até ao fim aquilo que começaram no 25 de Novembro, ou seja, liquidar todas as liberdades e estabelecer uma ditadura terrorista contra o povo.

Para isso, ocupam aceleradamente os postos-chave no Exército, no Estado e nos meios de informação, com o objectivo de tomar o poder antes das eleições de Abril. Têm como chefes, além do criminoso Spínola no exterior, o nazi Kaulza, libertado como herói, Loureiro Santos e Jaime Neves. Recebem o apoio activo da CIA americana e dos fascistas espenhois.

Com o infame relatório sobre o 25 de Novembro e a prisão do general Otelo, anti-fascista e patriota que merece a estima do povo, esses chefes militares vendidos renegam o 25 de Abril, apresentam os fascistas como vítimas inocentes, acusam os anti-fascistas de "contra-revolucionários" e preparam uma campanha repressiva em larga escala.

Em íntima colaboração com os conspiradores militares, actuam os chefes fascistas do CDS, PPD e PDC, lançados na ofensiva contra as liberdades, contra a reforma agrária e os órgãos de vontade popular. Serevem-se tanto do descontentamento dos agricultores, manipulados pelos agrários e grandes comerciantes, como dos atentados terroristas indiscriminados. O seu objectivo é dividir o povo e criar nas massas um clima de intimidação e passividade que facilite o triunfo do golpe militar.

O VI governo é o instrumento activo desta politica reacccionária. Lança uma brutal ofensiva contra as massas trabalhadoras na frente económica, com a carestia galopante, o congelamento dos salários, os despedimentos, satisfazendo todas as exigências da grande burguesia e do imperialismo, que acumulam super-lucros à sombra da inflação e da especulação. Lança com cada vez maior frequência a PSP e a GNR contra o povo, persegue e despede dos seus empregos os activistas sindicais e dos OVP e liberta os pides aos centos alegando "falta de provas". O VI governo reconstitue rapidamente todas as condições para o fascismo. Pinheiro de Azevedo, Ramalho Eanes e comparsas fazem todas as vontades aos fascistas e, a pretexto de os acalmar, entregam-lhes o poder.

Manejando tudo por detrás da cortina estão os imperialistas americanos e do Mercado Comum, lançados na contra-ofensiva para não deixarem Portugal escapar-se para a órbita de influência do social-imperialismo soviético. Acenam com empréstimos e investimentos, criando a miragem de ^{que} vão ajudar a recompor a economia nacional da crise em que se debate; mas na realidade a sua "ajuda" tem como único objectivo submeter inteiramente Portugal ao seu controle económico e político e apressar o avanço para a direita. Falando na necessidade dum governo "estável" em Portugal, os imperialistas preparam de facto o triunfo do fascismo, do único regime em que vêm garantias de defesa dos seus privilégios sobre a nossa Pátria.

A social-democracia na encruzilhada

Na sua corrida para o golpe, as forças fascistas entram em conflito cada vez mais aberto, não só com a massa do povo, como com a direcção do PS e o grupo dos 9, com quem inicialmente colaboraram para depois lhes treparem às costas. À volta das arrastadas negociações e crises de palácio em torno do novo pacto MFA-partidos, sobre os poderes do Conselho da Revolução e sobre o sistema e datas das eleições, trava-se uma disputa acesa entre "operacionais" e "políticos", ou

seja, entre fascistas e reformistas.

Nesta luta, a balança inclina-se cada vez mais para a direita, porque as forças da grande burguesia e o imperialismo americano e alemão vêm numa ditadura terrorista o único meio de restabelecer o seu poderio econômico e político, profundamente abalados pelas machadaadas que lhe aplicou o movimento popular democrático depois do 28 de Setembro de 1974. O fascismo é a solução preferida do grande capital monopolista, quando se vê estrangulado pela crise e pelos avanços do movimento popular. Mário Soares, Melo Antunes e todos os demais reformistas podem agora dar o balanço da sua política impopular de aliança com a direita e de subserviência perante o imperialismo, na mira de se instalarem à frente dum regime social-democrata. As suas manobras reformistas só serviram para fazer a cama ao fascismo. Agora põe-se-lhes uma escolha decisiva que não podem iludir por mais tempo: vão alinhar no campo do fascismo ou no do anti-fascismo? Não há terceira via.

Os cunhalistas de joelhos continuam a trair

O grupo renegado de Alvaro Cunhal, que chefia o falso Partido "Comunista" atravessa uma profunda crise, em resultado da sua política golpista e aventureira nos meses de Outubro-Novembro, quando tentou derrubar o governo para lá instalar os seus amigos. Do aventureirismo mais tresloucado, ao serviço das ambições imperialistas soviéticas sobre a Península, passou agora para a capitulação mais abjecta. De joelhos perante os fascistas, Cunhal vem à televisão lamentar os "excessos", pede que não o expulsem do governo, onde ainda pode prestar bons serviços ao regime burguês, esforça-se por sabotar os protestos populares contra a repressão e a carestia, morde venenosamente os militares democratas de quem ontem se serviu, ataca cheio de ódio o nosso Partido, a UDP e todas as forças de esquerda, apontando-os à repressão.

Contudo, seria um grave erro supor que a clique de Cunhal está definitivamente desmascarada junto das massas como aquilo que é, uma força contra-revolucionária de fachada "comunista". A capacidade demagógica dos revisionistas não se esgota por si; ela renova-se continuamente, apesar de todas as traições, enquanto eles puderem aparecer aos olhos das massas como o único grande partido de "esquerda". Centenas de milhares de trabalhadores depositam apesar de tudo a sua confiança no grupo cunhalista como o "mal menor" e continuam a ser joguete das suas manobras. Neste momento, lançando novas campanhas pretensamente anti-fascistas (apesar de estar no governo!) e contra a carestia, os renegados cunhalistas preparam-se para recomeçar mais um ciclo de traições ao movimento popular, desviando-o da via revolucionária independente. O revisionismo é um veneno que só um forte e autêntico Partido Comunista, implantado nas massas e dirigindo-as dia-riamente, consegue destruir.

A saída está na luta de massas

O povo não tem outra alternativa senão lutar contra a avançada fascista, contra a fome e a miséria. Como afirma a Resolução Política do nosso Congresso, o fascismo não é inevitável. O povo tem em si forças suficientes para lhe fazer frente com um barreira intransponível contra a qual se despedaçará. Mas para isso é preciso avançar, sem perder um dia nem uma hora sequer, no alargamento da luta popular organizada. A grande frente anti-fascista e patriótica que é o objectivo central do nosso Partido no momento actual, surgirá da luta e só da luta. Luta de massas contra o fascismo, contra a repressão, contra a carestia, a especulação e o desemprego, em defesa das liberdades e conquistas populares.

Contra todos aqueles que tentam aterrorizar o povo e o aconselham a não lutar para não enfurecer os fascistas e para dar mais possibilidades a um regime social-democrata, o Partido indica que só a luta popular de massas abrirá uma saída à perigosa situação que vivemos. Só ela sacudirá a desmoralização e o medo, desencadeará forças que hoje parecem adormecidas, forçará os revisionistas a tirar a máscara de falsos amigos do povo, isolará os fascistas, anulará as suas manobras e planos tenebrosos, tirando-lhes a capacidade militar e política para desferirem o golpe.

para os desempregados;

- luta em defesa dos órgãos de vontade popular, pelo direito ao seu funcionamento democrático e à legalidade, para que a voz do povo não seja abafada

- luta em defesa da reforma agrária conquistada no Sul, em defesa das cooperativas, contra o estrangulamento económico e a repressão do governo;

- luta em apoio das reivindicações dos camponeses pobres e médios do Norte e Beiras, contra o aumento das rendas, os intermediários, os altos preços dos produtos industriais para o campo, pela elevação dos preços dos produtos agrícolas.

Ao mesmo tempo que conduz as mais variadas lutas de massas contra o Fascismo e a miséria, o Partido deve seguir uma política de alianças aberta e flexível, chamando à acção todas as forças susceptíveis de serem mobilizadas.

23 A tendência que se está a verificar para a desintegração de certos grupos radicais que até há pouco flutuavam na maré do triunfalismo, é o sinal dum realinhamento de forças políticas perante a dura realidade da avançada reacção. O Partido deve imediatamente estabelecer contactos com as fracções desses grupos mais viradas para a luta popular, evitar que caiam na órbita dos social-democratas, dos revisionistas ou dos trozkistas, fazer-lhes propostas concretas e viáveis para acções comuns contra a conspiração dos generais, contra a repressão, contra o abafar das liberdades, estudar a possibilidade de plataformas eleitorais conjuntas com as forças de democracia popular.

4 O Partido deve igualmente procurar contactos com oficiais anti-fascistas, ajudar a que se reorganize nas forças armadas o campo dos que querem lutar contra a ameaça fascista e aspiram à independência de Portugal perante as duas superpotências. Deve atrair às mais variadas acções comuns todos os anti-fascistas e patriotas sem distinção, encontrando formas de colaboração flexíveis e libertando-os dos manejos traiçoeiros dos revisionistas que procuram condená-los à impotência sob grandes frases "democráticas".

Actuando e intervindo em todos os sectores, concentrando o grosso dos seus esforços na mobilização da classe operária, dos camponeses e das grandes massas trabalhadoras, mas não desprezando também as possibilidades de unificação na acção de anti-fascistas e patriotas de todas as condições, o Partido ajudará a engrossar o grande caudal da frente de luta do povo português, conseguirá barrar a passagem à fera fascista que mais uma vez pretende sugar o sangue e a carne dos trabalhadores e do povo ao serviço do grande capital monopolista e do imperialismo.

Janeiro 1976

7
